

Université de Provence
Département d'Études Luso-Brésiliennes
Master de l'Aire Culturelle Romane

***A evolução do turismo da época salazarista até
hoje através da Cidade de Almeida***

Volume 1

Mémoire réalisé sous la direction de:
Ernestina Carreira

“Alma até Almeida”

Aos meus pais e meu irmão,

Agradecimentos

Esta breve nota destina-se à expressão do meu profundo reconhecimento e agradecimento por todas as pessoas que me ajudaram a realizar este trabalho.

Ao meu querido namorado David Dumas quero expressar todo o meu amor e agradecimento por me ter encorajado ao longo deste trabalho, agradeço também meus pais, António e São Madeira, e familiares que sempre me proveram um grande apoio moral.

Agradeço especialmente minha amiga Sandra por sua grande ajuda ao longo dos meus estudos e por este trabalho.

Expresso também toda a minha gratidão, a todos os meus professores da faculdade que sempre estiveram a minha escuta e me ajudaram muito nas minhas pesquisas.

Agradeço também a Senhora Doutora Tereza De Almeida Caillaux pela sua grande ajuda nas pesquisas sobre Almeida, ela teve um grande papel no meu trabalho.

E por fim agradeço a Senhora Doutora Ernestina Carreira pela sua orientação, pela sua ajuda e encorajamento e sobretudo pela sua disponibilidade e dedicação ao trabalho dos seus alunos.

Índice

Ilustrações:	p.6
Introdução :	p.7
I. As revistas da ditadura e os jornais de Almeida.....	p.10
1. O contexto do Estado Novo.....	p.10
1.1 O modelo económico e política económica salazarista.....	p.10
1.2 Ideologia e propaganda nacional.....	p.11
1.3 Contexto Internacional.....	p.13
2. Almeida, uma praça de defesa	p.13
2.1 Historia de Almeida	p.14
2.2 O património de Almeida	p.15
3. Os jornais representam bem as épocas	p.20
3.1 Uns jornais pouco turísticos	p.20
3.2 O jornal de Almeida	p.21
II. Entre un turismo de refugiados e um novo turismo.....	p.23
1. A propaganda do turismo	p.23
1.1 Um discurso ideológico	p.23
1.2 Um turismo desequilibrado	p.26
1.3 Almeida e os refugiados	p.28
2. Um novo turismo.....	p.30
2.1 Almeida entra num turismo mais cultural.....	p.30
2.2 Quais são os turistas?	p.31
2.2 Quem disse um dia que Portugal e Espanha não se entendiam?..	p.33

III. Almeida sempre a inovar	p.34
1.Uma nova imagem	p.34
1.1 A pousada e os outro hoteis	p.34
1.2 A Publicidade	p.36
2.Patrimonialisaçao das festas e feiras	p.36
2.1 As feiras fazem reviver o passado idealizado.....	p.36
2.2 A autenticidade dos produtos.....	p.38
3.Dificuldades	
Bibliografia :	p.43

Ilustrações:

Ilustração 1: As regiões de Portugal.....	8
Ilustração 2: Localização do Concelho de Almeida	13
Ilustração 3: Carta do conselho de Almeida.....	14
Ilustração 4: Desenho do Castelo de Almeida.....	14
Ilustração 5: Fotografia de Almeida (vistas aérea).....	15
Ilustração 6: As muralhas de Almeida (vista aérea).....	18
Ilustração 7: Capa da Revista <i>Viagem</i>	20
Ilustração 8: Capa da Revista <i>Turismo</i>	21
Ilustração 9: Sumario da Revista da <i>Viagem</i>	23
Ilustração 10: Vista aérea de Almeida publicada na Revista <i>Turismo</i>	30
Ilustração 11: Vista aérea de Cuidad Rodrigo.....	34
Ilustração 12: Fotografia da Feira do fumeiro em Almeida em 2001	37
Ilustração 13: Fotografia da Feira do fumeiro em Almeida em 2001	37

Introdução :

Em Portugal, como na maioria dos países do mundo, o turismo é um sector com uma grande importância na economia nacional. O turismo leva à descoberta das culturas, do património. Pode conservar a memória histórica dos locais e desenvolver uma região desertificada pela população ou com problemas económicos.

“Define-se o turismo pelas actividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.”

O turismo existe desde a Antiguidade vai desenvolver-se com objectivos religiosos. A partir do século XVI, é um turismo de estudo: são os filhos de grandes famílias que se deslocam em toda a Europa para acabar a formação dos estudos. O turismo que conhecemos hoje só vai surgir depois da revolução industrial. Mas com a segunda guerra mundial, o turismo parou. Nos anos 50, houve um impulso do turismo balnear, os turistas procurando praia, sol e descanso.

Em Portugal, o turismo teve um caminho um pouco diferente dos outros países. Durante a segunda guerra mundial, Portugal ficou neutro, o turismo desenvolveu-se muito mais no litoral à volta de Lisboa. O lugar mais procurado, por exemplo era o Estoril, estação balnear nos arredores de Lisboa. As pessoas que vinham para Portugal, eram pessoas que fugiam da guerra, as famílias mais ricas da Europa vieram instalar-se em Portugal, no Estoril, vinham também eram as classes sociais mais altas do país, com a intenção de se divertir no casino ou ir à praia para a saúde. Durante a ditadura de Salazar houve uma tentativa de desenvolvimento do turismo, essencialmente no litoral.

As outras regiões ficaram esquecidas, particularmente a região das Beiras, onde houve uma forte emigração nos anos 60 e 70. Tornou-se uma região ainda mais pobre, fragilizada sem nenhum desenvolvimento económico.

Até os anos 90, o turismo desenvolveu-se inteiramente em todo o litoral e no Algarve. Os turistas procuram sol, praia e descanso. Mas uma parte deles vão começar a procurar uma outra forma de turismo, um turismo mais cultural. As regiões do litoral continuam a desenvolver-se pondo o seu património e as suas praias em valor. As regiões do interior continuam a sua decadência, sem solução para aumentar o trabalho e outras formas de economia.

Quem visita hoje esta a região do Beiras, constata-se uma mudança, o turismo desenvolveu-se de uma maneira diferente, ele atrai outro tipo de turistas, estes não procuram sol e praia mas tentam descobrir locais cheios de memória e história.



Ilustração 1: As regiões de Portugal

O presente estudo focaliza-se essencialmente numa vila da Beira Alta, cujo nome é Almeida. Este lugar possui um grande património, conseguiu desenvolver-se graças ao turismo e fazer com que seu património material e imaterial possa ser transmitido aos turistas.

O estudo baseia-se na evolução do turismo na imprensa de 1940 até 2007. Este período de 50 anos, que inclui dois períodos históricos em Portugal, (a ditadura de Salazar e a República) permite uma visão evolutiva do turismo em Portugal e sobre tudo na região do Interior.

Neste período, trabalhou-se sobre duas revistas mensais durante a ditadura militar, a revista *Viagem* e a revista *Turismo*, estas revistas vão poder mostrar a política turística. A partir de 1994, o semanário *A Praça Alta*, jornal local de Almeida, poderá dar uma ideia de um novo turismo.

Os jornais guardam uma memória imediata, eles transmitem as correntes políticas, as ideias de cada período histórico, os acontecimentos. Representam um corpus exemplar para quem tenta compreender o processo evolutivo desta forma de economia.

A minha pesquisa, apoia-se nas publicações do brasileiro Mário Jorge Pires, especialista sobre o turismo cultural no Brasil. Ele publicou um livro sobre a metodologia de inventário dos atractivos turísticos.¹ A sua maneira de abordar o turismo é diferente dos outros autores. Ele dá uma metodologia para estudar uma vila ou cidade no ponto de vista turístico. Ele dá os pontos essenciais que devam ser feitos para desenvolver correctamente o turismo cultural como por exemplo um bom marketing. Vê-se que a metodologia utilizada por ele pode se aplicar em Almeida.

¹ M. J. Pires, *Lazer e turismo cultural*. 2ª edição, 2005, p. 140

A pesquisa vai também apoiar-se no pesquisador Rachid Amirou², que também trabalhou sobre o turismo cultural. Ele traz novas noções no turismo cultural como por exemplo autenticidade, património imaterial.

Muitos pontos desenvolvidos no seu trabalho são compatíveis com a maneira de estudar uma oferta turística.

A partir destes dois autores pode-se perguntar como é o turismo se desenvolve nos últimos 60 anos através das revistas e jornais portugueses?

Ao longo deste trabalho tentou-se mostrar uma evolução em tomando como exemplo Almeida. Numa primeira parte, vamos qual é o contexto histórico e físico dos jornais que escolheu-se para a pesquisa, num segundo tempo ver-se-á entre um turismo de refugiados e um novo turismo e para acabar observar-se-á que Almeida está sempre a inovar.

² R. Amirou, *Imaginaire du tourisme culturel*, Paris, Presses Universitaires de France, 2000, p.155

I. As revistas da ditadura e os jornais de Almeida

1. O contexto do Estado Novo

A memória é um conceito importante na história da humanidade, ela pode ser transmitida oralmente mas também pela escrita. Os povos no passado quando não sabiam escrever transmitiam a sua história pela oralidade. A memória tem suas falhas, há momentos na memória que são completamente esquecidos ou acções que pensa-se que foram feitas mas não foram. Quando se estuda a memória nos jornais, já não é um discurso directo, tem-se de ver a quem se dirige o discurso, quem o que escreve. É necessário tomar conta do contexto histórico.³

1.1 O modelo económico e política económica salazarista

Estudar-se-á o período da ditadura, depois focalizar-se-á sobre Almeida e para terminar concluir-se-á sobre a descrição de cada jornal.

Seguindo o estudo de José Mattoso sobre a ditadura militar vê-se que este período modificou muito o país, limitando a liberdade do povo português e controlando-o na sua maior parte. A economia tinha três grandes ideias que eram a busca da autarcia, o nacionalismo e intervencionismo económico do Estado.

Uma das políticas económicas importante foi o melhoramento das infra-estruturas no país sendo estas um ponto importante para o turismo. Uma das importantes obras foi a da rede rodoviária.⁴ Vão ser construídas mais de 500km de novas estradas nacionais mas estas estradas foram na maior parte construídas nos eixos entre os pólos de desenvolvimento e suas ligações ao exterior. Pode-se concluir que as regiões do interior não tiveram grandes desenvolvimentos a nível das estradas de má qualidade.

São os grandes centros são os melhores servidos e é a onde o turista vai ter mais facilidade para chegar. Outras infra-estruturas são construídas, a economia agrícola

³ P. Nora, *Les lieux de mémoire*, Vol I, Paris, Gallimard, 1997, p.23

⁴ J. Mattoso, *O estado Novo*, 1998, Lisboa, p. 226

é o sector predilecto de Salazar, ele vai muitas vezes travar o desenvolvimento da economia portuguesa.

Outras instituições tiveram modificações para conter as pessoas contra o regime e para valorizar este. Agora vai-se ver como a sociedade era controlada com a censura prévia.

1.2 Ideologia e propaganda nacional

Durante este período de ditadura, a censura fez-se sentir como em todos os países dirigidos por ditadores. Ela já existia antes da ditadura mas agora ele se intensifica e fica muito ligada a Estado. Os braços da censura chegavam a todas as formas de criação e informação, diminuindo-as ou aniquilando-as. Os livros, imprensa, rádio, espectáculos, artes plásticas, música, ensino, cinema e, mais tarde, a televisão, estavam sob o olhar dos censores e a ameaça da polícia secreta. A notícia que a censura iria começar foi publicada no jornal nacional *O Século* com esta frase:

“ é estabelecida a censura à Imprensa, não sendo permitida a saída de qualquer jornal sem que quatro exemplares do mesmo sejam presentes no Comando da Guarda Nacional Republicana, para aquele fim”⁵

De seguida, em todos os jornais publicados, no início podia-se ler:

“ Este numero foi visado pela comissão de censura”⁶

A história da censura é marcada pela presença do SPN, Secretario da Propaganda Nacional, criado o 26 de Outubro de 1933. Este órgão funcionou até 1944, quando se transforma em SNI, Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, a pessoa que dirigiu mais este órgão foi António Ferro.⁷

Em 1933, o governo Salazar decidiu as instruções sobre a censura à imprensa. Estas instruções vão poder-se encontrar nos artigos de imprensa do estudo. Todos os pontos seguintes fazem compreender como era o discurso num artigo de jornal da época só nos artigos de turismo mas em geral.

⁵ C. Azevedo, *Multiladas e proibidas*, 1997, Lisboa, p.28

⁶ C. Azevedo, *Id, Ibid.*,

⁷ C. Azevedo, *Id, Ibid.*,

- A ideia da Pátria, à independência nacional e ao prestígio do país, bem como ao respeito devido a bandeira, ao hino nacional e a outros símbolos da Pátria;
- Às instituições republicanas, e à honra e consideração do Chefe do Estado, Presidente do Conselho, membros do Governo, parlamentares e magistrados;
- À propaganda, incitamento e provocação à indisciplina social, à subversão violenta das instituições e dos princípios fundamentais da ordem social;
- Ao incitamento à desobediência às normas legais e às autoridades;
- Ao prestígio das Forças Armadas e a operações militares;
- À divulgação de notícias e boatos destinados a perturbar a tranquilidade e ordem públicas ou a prejudicar o crédito público, ou que sejam susceptíveis dessa perturbação ou prejuízo.⁸

É expressamente proibida a narração circunstanciada por qualquer forma gráfica de publicidade de casos de vadiagem, mendicidade, libertinagem e crime ou suicídio, cometidos por menores de 18 anos, bem como de julgamentos em que sejam réus.

Em 1934 o Secretariado da Propaganda Nacional realizou um amplo levantamento, com o objectivo de conhecer a ideologia dos jornais de província do país. Assim, os jornais foram classificados nas seguintes categorias: simpatizantes, neutros, anti-situacionistas e jornais de classe. Durante os anos 30, existiu quase um endeusamento de Salazar. Por toda a parte havia cartazes com referências às ideias do regime e ao trabalho do governante. A propaganda era feita com todo o rigor e António Ferro a denominava de “Política do Espírito”, pois servia para moldar a consciência das pessoas e inculcar certos ideais de vida. Mas o Estado Novo serve-se também do fado para transmitir esses ideais. Há uma clara instrumentalização do fado como canção preferida do regime. Mas não qualquer fado, sobretudo os tristes, os que falam em aceitação do destino, da pobreza, do viver com pouco e não querer mais do que aquilo que lhe é dado. O outro fado, o alegre e brincalhão, esse é quase banido, até porque mesmo as letras das canções tinham que passar pela censura.⁹

⁸ J.Mattoso, *op. Cit.*, p. 259

⁹ J. Mattoso, *Id.*, *Ibid.*,p.260

A censura conseguiu eliminar as ideias revolucionárias e contra o regime, ela atingiu todo o tipo de jornais mesmo os turísticos.

O turismo teve de desenvolver-se num contexto particularmente difícil, como em todos os países da Europa. Nesta perspectiva, vai-se desenvolver sobre o contexto turístico.

1. 3 Contexto Internacional

Quando a Segunda Guerra Mundial começou, Portugal teve uma postura especial a qual interessa para compreender o turismo da época.

Salazar optou uma posição neutra, mesmo Portugal sendo um país autoritário, antiliberal e antidemocrático, porque se Salazar tinha escolhido o campo de Hitler teria perdido as suas colónias e a independência nacional. Esta neutralidade foi logo definida em 1939. Esta neutralidade é um pouco ambígua, Portugal tem relações com a Inglaterra mas também vai ter com a Alemanha. Mas ela traz um grande desenvolvimento das exportações, há muito mais de exportações que importações.¹⁰

Esta contextualização vai ajudar no desenvolvimento do estudo das duas revistas publicadas sobre o turismo na época salazarista. Agora vai-se ver onde se situa Almeida, qual foi a sua história, em que contexto é escrito o jornal local e para mostrar o que Almeida tem para ser um local turístico.

2. Almeida, uma praça de defesa

A vila de Almeida localiza-se a dezasseis quilómetros da fronteira com a Espanha, ela é um concelho (com 29 freguesias, cada uma das freguesias tem um grande património histórico), no distrito da Guarda.



Ilustração 2: Localização do Concelho de Almeida

¹⁰ J. Mattoso, *Op., Cit.*, p.266

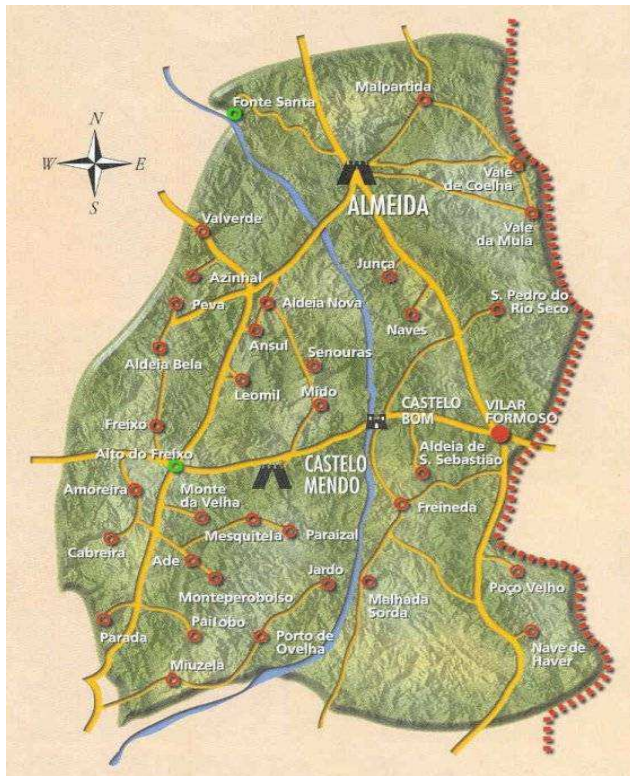


Ilustração 3: Carta do conselho de Almeida

Almeida situa-se no planalto das Mesas, a 2,5 quilómetros da margem direita do Rio Côa, que atravessa o concelho de Sul a Norte. Pela sua localização Almeida teve, desde a Idade Media até ao século XIX, uma grande importância militar.

O nome de Almeida até hoje tem diferentes interpretações. A quem diga que a palavra Almeida venha da palavra árabe *Al Meda* ou *Talmeyda*, que significa mesa, devido ao facto de a povoação se encontrar localizada num planalto. Outras pessoas pensam que a palavra vem da derivação de *Atmeidan*, que significaria campo ou

lugar de corrida de cavalos, acontecimento que os árabes realizavam regularmente. O que se confirma é que Almeida tem uma origem muçulmana, porque todas as palavras em português que começam com “Al” são de origem árabe.¹¹

2.1 Historia de Almeida

Esta vila como já o disse teve sempre uma grande importância na História de Portugal. Não se conhece a data exacta do povoamento de Almeida, nem da primeira construção militar, mas julga-se que deve ser no período da ocupação dos mouros. Almeida, só foi portuguesa em 1297, com

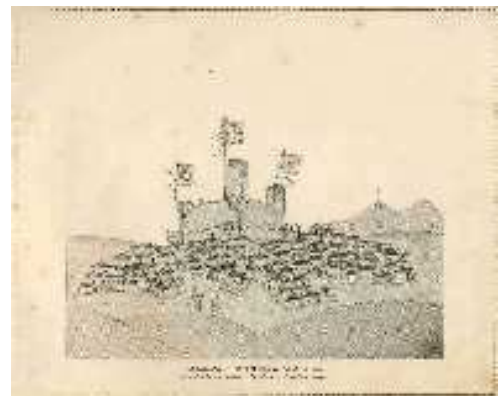


Ilustração 4: Desenho do Castelo de Almeida

¹¹ J. Vilhela de Carvalho, *Almeida, subsídios para a sua história*. Vol I, Viseu, Tipografia de guerra, 2ª edição, 1988

o Tratado de Alcanices durante o reinado de D.Dinis, este rei ordenou a reconstrução do castelo e a amplificação da muralha.

A evolução das armas, traz uma inovação nas novas construções



Ilustração 5: Fotografia de Almeida (vistas aérea)

militares, a partir do século XIV, a utilização da pólvora torna a defesa

dos castelos difícil. Foi a partir deste momento que se começou a pensar em novas construções, como as fortificação moderna que será adaptada em Almeida durante a Guerra de Restauração (1640-1668), a sua construção começou em 1644 sob a direcção de Pierre Girles S. Paulo, engenheiro militar francês a quem confiaram as obras militares desta Província. A fortificação foi feita no estilo de Antoine Deville, um dos mestres das fortificações modernas.

A construção da fortaleza durou cem anos por causa das guerras que havia contra a Espanha e também por que faltava dinheiro para continuar as obras.

Durante a Restauração, esta praça foi considerada a chave da defesa da província da Beira. Depois Almeida conheceu as Invasões Francesas, em 1807, 1808 e 1810, ela tentou defender seu território mas foi difícil, a praça só teve derrotas. A mais impressionante foi na terceira Invasão Francesa, a praça encontrou-se quase toda destruída e o paiol do castelo explodiu causando muitos danos ao nível material e humano.

Almeida foi desclassificada em 1895 como o praça militar, a ultima força armada saiu em 1927 cessando assim a sua actividade militar.

A partir desta data, a praça tornou-se esquecida de todos os portugueses até conseguir uma nova forma de ser utilizada, já não como uma praça de guerra mas como um sítio turístico.

2.2 O património de Almeida

Almeida tem um património importante, cujo vai-se definir, mas para começar este trabalho tem de se apoiar no pesquisador Mário Jorge Pires. Ele mostra no seu livro *Lazer e Turismo Cultural* como se deve utilizar o património cultural para o

turismo. O que lhe define pode-se aplicar a Portugal porque tem-se o mesmo tipo de visão, onde ainda se encontram locais abandonados no ponto de vista turístico. Eles têm muito património cultural que não é utilizado. Este pesquisador dá um método para desenvolver o património.

Num primeiro momento é necessário *Preservar*¹², com uma protecção legal que tenta conservar o património, há varias entidades que se ocupam disso como a Unesco e o IPPAR¹³. Depois, da preservação, há a *Restauração*:

“a restauração é uma intervenção física no bem histórico de forma que mantenha sua integridade, (...) restabelecer suas características o mais próximas possível da obra original”¹⁴

Esta restauração foi feita em Almeida, ao longo do século XX, mas com mais intensidade nos últimos anos, restauração das muralhas, das casamatas e picadeiro. Dependendo dos locais deve haver Deslocamento, uma Replica, Reconstrução:

“é a remoção de bens históricos do local em que originalmente foram construídas ou gerados.”

ou como em Almeida, Reutilização, o Picadeiro del Rey foi restaurado e reutilizado para uma escola equestre, as casamatas servem de sala de conferência, museu, posto de turismo ou exposições.

“Reaproveitamento de edificações e artefactos para usos diversos daqueles para os quais foram originalmente concebidos.”¹⁵

Esta solução é uma boa maneira de não deixar os monumentos em abandono, de os reutilizar e dar uma outra vida em os fazendo descobrir aos turistas.

Mário Jorge Pires põe em realce que nos locais futuramente turísticos deve haver eventos que incluem a história e a cultura do próprio sítio, como por exemplo recriações históricas, audições de música e eventos ligados a gastronomia. Estes eventos devem ter uma periodicidade para que haja um calendário de eventos que tragam os turistas com periodicidade no ano todo.¹⁶ Este ponto de Pires aplica-se bem em Almeida, é exactamente o que foi e é feito até agora para desenvolver o turismo

¹² M. P. Pires, *Op., Cit.*, p.5-6

¹³ Instituto Portugues do patrimonio Arquitetonico (http://www.ippar.pt/pls/dippar/ippar_home)

¹⁴ M. P. Pires, *Id., Ibid*, p.6

¹⁵ M. P. Pires, *Id., Ibid*, p.8

¹⁶ M. P. Pires, *Id., Ibid*, p.18

nesta praça. Muitos eventos são realizados com o objectivo de dar uma visão nacional e internacional de Almeida, por exemplo há as reconstituições das Invasões francesas, Feira do fumeiro, exposições, etc.

Um outro ponto importante para o desenvolvimento do turismo é também o marketing que tem como objectivo “valorização máxima dos atractivos das destinações”¹⁷. No marketing há vários sistemas para por em realce o sitio histórico:

- “Praticas de merchandising: faixas, cartazes, assinatura em folhetos explicativos e outros;
- Promoção de venda: distribuição de brindes, degustação;
- Comercialização de produtos de fabricação directa
- Realização de pesquisa de mercado no local
- Colecta de dados para composição de mailing list
- Venda de souvenirs, livros, catálogos e outros produtos culturais relacionados ao local e à sua história para uma difusão cultural

Estes seis itens são recentemente utilizados na divulgação da Almeida, umas das dificuldades que encontra a autarquia é fazer com que haja uma participação privada para a venda dos produtos locais e outras actividades. As pessoas de Almeida não investem e não tem uma grande preocupação pelo que se passa, este ponto foi revelado por um inquérito feito por Fernando Pereira da Fonseca¹⁸, para mostrar como foi feito a marketing neste sítio.

Depois de ter visto esta maneira de tornar um sítio turistas graças a seu património cultural, agora vai-se ter uma descrição do que se pode encontrar em Almeida por um turista.

Para começar, falar-se-à do património material (os monumentos) e num segundo tempo ver-se-à o património imaterial (gastronomia, tradições).

Mas para pode desenvolver este item é melhor dar uma definição do que é o património material e imaterial. Muitos pesquisadores tentaram dar uma definição mais ou menos completa, mas todas têm o mesmo sentido. Como por exemplo, Françoise Choay¹⁹, que define o património assim:

¹⁷ M. P. Pires, *Op., Cit.*, p.55

¹⁸ F. Pereira da Fonseca, *O planeamento estratégico em busca de potenciar o território o caso de Almeida, 2006, Braga, p. 184-217*

¹⁹ C. Françoise, *L'allégorie du patrimoine*, 1996, Paris, p. 9

“Patrimoine historique. L’expression désigne un fonds destiné à la jouissance d’une communauté élargie aux dimensions planétaires et constitué par l’accumulation continue d’une diversité d’objets que rassemble leur commune appartenance au passé: œuvres et chefs-d’œuvre des beaux-arts et des arts appliqués, travaux et produits de tous les savoirs et savoir-faire des humains.”

Nesta definição, há já a ideia de património não é só os monumentos mas também o que é imaterial (“les savoirs”).

Outra pesquisadora, Dominique Poulot, dá uma definição no mesmo sentido que a precedente:

« Le patrimoine définit un état légitime des objets ou des monuments, conservés, restaurés ou au contraire dé-restaurés, ouverts au public, etc. et leur garantit une destinée spécifique, qui répond à leur valeur esthétique et documentaire le plus souvent, ou illustrative, voire de reconnaissance sentimentale. Il relève de la réflexion savante mais aussi d’une volonté politique, sanctionnées toutes deux par l’opinion publique et le sens commun. »²⁰

O património material mais importantes são as muralhas que apresentam uma



Ilustração 6: As muralhas de Almeida (vista aérea)

planta em forma de hexágono quase regular, constituída por seis baluartes (Baluartes de São Francisco, de São Pedro, de Santo Antonio, de Nossa Senhora das Botas ou do Trem, de Santa Barbara e de São João de Deus)²¹, com plataformas lajeadas e ligados entre si pelas cortinas, e respectivos revelins (Revelins da Cruz, dos Amores, da

Brecha, de Santo Antnio, do Paiol, Doble ou do Hospital de Sangue)²².

Depois o património, que se encontra no interior das muralhas, é o Quartel das Esquadras, antigo Quartel de Infantaria, o palácio de Justiça, o Corpo de Guarda, Casa do governador de Almeida, Igreja Matriz de Almeida, Igreja da Misericórdia, Hospital e Lar da Misericórdia, Picadeiro d’El Rey, as Casamatas, a Torre do relógio e o Castelo²³.

²⁰ D. Poulot, *Patrimoine et Modernité*, 1998, Paris, p.9

²¹ Ver fotografias nos anexos

²² Ver fotografias nos anexos

²³ Ver fotografias nos anexos

O património imaterial também é importante em Almeida porque representa a maneira de viver dos Almeidenses, uma memória que perdura ao longo do tempo, este património imaterial ver-se-á mais tarde que tenta ser utilizado para o turismo mais que há alguns problemas na sua divulgação.

Para compreender o que é o património imaterial pode apoiar-se no que definiu a Unesco em 1989, quando integrou no património todo o que era imaterial:

“O conjunto de formas de cultura tradicional e popular ou folclórica, o que quer dizer, as obras colectivas que divulgam a cultura e baseando-se na tradição.(...) Incluem-se nestas as tradições orais, os usos, as línguas, as músicas, os bailes, os rituais, a medicina tradicional, as artes culinária e todas as habilidades específicas relacionadas com os aspectos materiais da cultura como por exemplo as ferramentas ou casas.”²⁴

A gastronomia em Almeida tem uma característica muito específica definida por períodos cíclicos: a caça e a matança por isso come-se carnes de caça (Perdiz lá da Casa, Coelho a Caçador) e enchidos. O que refere as doçarias temos o Pão de Ló, o Doce de Abóbora, a Marmelada, o Doce de Tomate e Cereja, a Bola Doce e a Bola Parda. Os vinhos são sobre tudo licores por exemplo a jeropiga ou a ginja.

O artesanato também tem uma grande importância mas esta a ser esquecido porque não há sucessores, os jovens não continuam esta tradição. O que se pode encontrar são a olaria, o baracejo, a marcenaria, a cestaria, as tapeçarias, a tecelagem, as rendas, as albardas, a latoaria, os galridos, os tamancos e os lacticínios.

A música tradicional é transmitida pelo Coro Etnográfico de Almeida composto por os Almeidenses e o chefe é o padre da Almeida. Eles têm mais de 20 anos de experiência e transmitem a sua memória se produzindo regularmente em Almeida e no exterior. Este coro canta canções típicas de Almeida, já existentes desde muito tempo, mas também canções realizadas pelo padre.

Este património material e imaterial é importante para Almeida, ele é utilizado para o turismo mas também para fazer reviver o povo e lhes recordar as tradições, ver-se-á com o estudo do Jornal da Praça Alta, que transmite aos seus habitantes o que ocorre neste local.

Para ver como o turismo evolui durante as duas épocas que estudou-se, vai-se definir quais jornais foram escolhidos para o estudo e que tipo de jornais.

²⁴ E. Expeitx , *Patrimonio alimentario y turismo: una relacion singular*, Revista Pasos, 2004, Vol2, nº2, p. 193-213

3. Os jornais representam bem as épocas

3.1 Uns jornais pouco turísticos

Para este estudo, poderia haver varias revistas ou jornais que tratam do turismo em Portugal e diferentes épocas, mas quando pesquisa-se com mais detalhe vê-se a dificuldade de encontrar jornais que relatam bem do turismo e da região que aqui se fala. Muitos dos jornais pesquisados falavam do litoral e seus arredores, foi raro encontrar referencias a Almeida, só um dos jornais seleccionados é que faz referência, mas muito brevemente.

Em toda a pesquisa realizada na Biblioteca Geral de Coimbra, só se relevou duas revistas da época Salazarista a revista *Viagem e Turismo*.



Ilustração 7: Capa da Revista *Viagem*

O primeiro revista chama-se *Viagem* é uma revista de turismo, divulgação e cultura, o director da revista chamava-se Carlos d'Ornellas²⁵. Esta revista foi patrocinada pelo Estado Novo através do conselho Nacional de Turismo, em colaboração com a Companhia dos Caminhos de Ferro Português. Esta revista era destinada para divulgar a sua actividade e a cultura portuguesa.

A primeira publicação fez-se 1938 e a última publicação sucedeu em 1965, esta revista era publicada todos os meses em Lisboa (mas nao se sabe até onde era divulgada esta revista, provavelmente nas grandes cidades do pais como Porto). Ela dá uma visão global dos acontecimentos no turismo durante este período. Os artigos que escolhi começam em 1945 até 1950. Uma grande parte destes artigos foram escritos por Aquilino Ribeiro²⁶, este autor de famosos livros como *Aldeia, Terra, Gente* ou *O arcanjo Negro*. Os seus artigos estão sempre apresentados em primeira página da revista, isto significa que seus artigos tinham um certa importância e mesmo se ele

²⁵ Nao foi encontrado referencias a esta pessoa nas varias presquisas realizadas.

²⁶ Escritor português (Tabosa do Carregal, 13 de Setembro de 1885 — Lisboa, 27 de Maio de 1963) É considerado por alguns como um dos romancistas mais fecundos da primeira metade do século XX. Inicia a sua obra em 1907 com o folhetim "A Filha do Jardineiro" e depois 1913 com os contos de *Jardim das Tormentas* e com o romance *A Via Sinuosa*, 1918, e mantém a qualidade literária na maioria dos seus textos, publicados com regularidade e êxito junto do público e da crítica.

escrevia seus livros contra o regime, deixavam-no escrever em revistas, é verdade que nos seus artigos não se vê uma crítica directa e visível a ditadura. Ele interessava-se muito por sua região e nesta revista ele vai escrever sobre ela mas também sobre o que ele pensa do turismo em Portugal. Temos uma visão crítica do que se realiza no turismo e dos turistas que vêm visitar Portugal.

Depois tem-se outros artigos diferentes, são entrevistas feitas a representantes do turismo, estes artigos são ideológicos e fazem bem passar os pensamentos e a propaganda da época.



Ilustração 8: Capa da Revista *Turismo*

A outra revista onde se encontra mais artigos focalizados na Beira Alta foi a revista *Turismo*, ela divulgava a arte, a paisagem e costumes portugueses. Sua publicação começou em 1936 e acabou em 1969. O director desta revista chamava-se António Pardal²⁷. Esta revista descreve a Beira Alta, os seus monumentos, as paisagens. A sua capa é diferente da primeira revista, ela apresenta como se vê aqui cenas religiosas, umas das explicações que se pode dar, no passado muitas pessoas em Portugal se deslocavam não para um turismo puro mas para as romarias, o que trazia muita gente os locais religiosos, este fenómeno continua a

produzir-se como por exemplo em Fátima, Loudre (em França), os peregrinos vão para fins religiosos mais também acabam por visitar a vila os arredores, sem por se considerarem turistas. Estas duas revistas vão dar uma visão do turismo mais concreta e vai-se poder deduzir como era o turismo durante a ditadura militar.

3.2 O jornal de Almeida

O jornal de Almeida é chamado *A praça Alta* que reflecte a praça de guerra de Almeida. Este jornal foi publicado pela primeira vez em 1994. É redigido e editado pela *Associação dos Amigos de Almeida*²⁸. Cada publicação representa 1500 jornais, eles são vendidos em Almeida mas também em todo o país para os

²⁷ Não se encontraram dados sobre esta pessoa depois de varias pesquisas

²⁸ Esta associação ajuda os autarcas na realização das animações em Almeida, ela tenta divulgar Almeida pelo jornal redigido, ela reagrupa alguns Almeidenses.

Almeidenses que vivem fora. Ele é publicado todas as semanas. Este jornal relata todos os acontecimentos em Almeida, também publica informações históricas e o divulga os acontecimentos que ocorrem ao longo do ano. Por vezes ele retoma artigos que foram publicados na região ou em Portugal fazendo um resumo ou reescrevendo partes do artigo original. É interessante analisar esta jornal porque observa-se o que pensão os almeidenses da propria praça e como vêm o turismo. Com *A praça Alta* constata-se uma evolução no turismo local e observa-se todos os eventos realizados.

Em conclusão, a época salazarista teve uma economia desequilibrada entre o litoral e o interior do país, para conter e controlar a população houve uma censura a todos os níveis (jornais, livros, televisão e discursos). Neste período escrevem-se duas revistas que tratam sobre o turismo em Portugal, e que vão ser estudadas na seguinte parte. Depois pode-se descobrir Almeida, um sítio que está a desenvolver-se turisticamente e aqui é o um exemplo de turismo diferente no nosso século XXI.

II. Entre un turismo de refugiados e um novo turismo

1. A propaganda do turismo

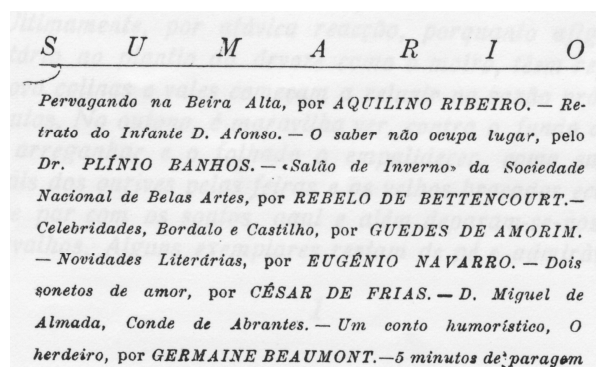
Durante a ditadura como já se viu na primeira parte havia um controle dos discursos cujos tinham sempre um objectivo, sobre tudo os aqueles que eram redigidos pelos dirigentes. Nesta segunda parte, vai-se desenvolver sobre o que revelam as revistas, num primeiro ponto, observa-se um discurso ideológico, de seguida estudar-se-á como é o turismo durante a ditadura e por fim quais são os turistas que chegam a Almeida nos anos 40.

1.1 Um discurso ideológico

Durante a ditadura militar, todo o tipo de discurso tinha uma mensagem política, que seja na literatura, na história ou no turismo. Nos textos da revista *Viagem*, dever-se-ia ter um discurso turístico fazendo as vantagens do país, mostrando os sítios a visitar. O discurso é político e relata os problemas do turismo. Esta revista fala de escultura, literatura, pintura e no fim da revista encontra-se a descrição de uma vila ou cidade a visitar. Vê-se que as revistas na época da ditadura militar não são propriamente revistas turísticas, elas falam dos problemas turísticos e o que é feito para seu melhoramento, também falam da cultura em geral (cultura controlada pela censura).

No corpus escolhido, faz-se referência ao turismo em geral ou as Beiras, o discurso é ideológico falando sempre de Salazar e seu Império.

“Temos todos a estrita obrigação de acompanhar Salazar na sua monumentalíssima obra de ressurgimento. Ele é o mestre incontestado.”²⁹



S U M A R I O

Pervagando na Beira Alta, por AQUILINO RIBEIRO. — *Retrato do Infante D. Afonso*. — *O saber não ocupa lugar*, pelo Dr. PLÍNIO BANHOS. — «Salão de Inverno» da Sociedade Nacional de Belas Artes, por REBELO DE BETTENCOURT. — *Celebridades, Bordalo e Castilho*, por GUEDES DE AMORIM. — *Novidades Literárias*, por EUGÊNIO NAVARRO. — *Dois sonetos de amor*, por CÉSAR DE FRIAS. — *D. Miguel de Almada, Conde de Abrantes*. — *Um conto humorístico, O herdeiro*, por GERMAINE BEAUMONT. — *5 minutos de paragem*

Ilustração 9: Sumário da Revista da Viagem

²⁹ *Revista Viagem*, Ouvindo Guilherme Cardim, nº38, Dezembro 1943, p. 14 (Anexo 1)

Nas entrevistas da revista *Viagem*, há sempre um elogio ao entrevistado, quando se trata de um representante do poder. Muitos adjectivos glorificantes são utilizados como por exemplo: “Inteligentíssimo; ilustre”³⁰.

Estes adjectivos mostram o poder de persuasão que tem o representante e o poder que tem sobre os outros.

O tema do “trabalho” é muito repetido, é uma das grandes linhas da ideologia de Salazar, deve-se trabalhar muito, ser pobre. A ideia que o homem deve dar a sua vida pela pátria é muito corrente nos textos desta época.

“Os homens que se dedicam ao turismo, que trabalham pelo turismo nacional, não devem sequer descansar, para não cometerem um grande crime de lesa-Pátria”³¹

Uma pessoa que não trabalha será mal vista e quando as pessoas trabalham não tem tempo para pensar e se juntar contra a ditadura. Em todos os textos, há sempre uma referência a Salazar, visto como um Deus, o poderoso que deveria-se respeitar. Não há nenhuma crítica ao Estado, se ha problemas no turismo eles vêm das pessoas que nao trabalham que chegue para este sector.

Este discurso é oposto ao discurso de Aquilino Ribeiro, um celebre escritor da época, ele era oposto a ditadura, conheceu vários exílios por causa das suas ideias opostas ao regime anterior a Salazar e durante.

Nos seus textos, não temos referências políticas, não há elogios nem à Pátria, nem a Salazar. Os textos são mais literários com muitas referências a heróis da antiguidade como Ulisses. Sabe-se que Ulisses eram um grande viageante da sua época, deve ser por isso que ele faz referencia a este personagem.

“(...) no gozo dum clima, que fazem crer que Ulisses, esse grande sibarita, amante das deusas...)” ; “Assentemos sem errar que o beirão coevo de Tutankhamon e de Ulisses pedia ao mato e a água doce o substancial só seu passado.”³²

Aquilino Ribeiro tem uma maneira particular de fazer a publicidade a uma região (a maior das vezes à sua, a Beira Alta), ele escreve a história de um personagem que passeia e faz nos descobrir o que se pode visitar e comer. Este tipo de redacção

³⁰ *Revista Viagem*, Turismo em Portugal, , nº53, Março 1945, p 1- 4 (Anexo nº3)

³¹ *Revista Viagem*, Ouvindo Guilherme Cardim, nº38, Dezembro 1943, p. 14 (Anexo 1)

³² *Revista Viagem*, Prevagando na Beira Alta, nº51, Janeiro 1945, p 1 -3 (Anexo nº2)

encontra-se também num livro de Saramago, *Viagens por Portugal*³³, onde se vê um personagem que visita Portugal, tudo isto é relatado na forma de uma história com acontecimentos e suspense.

Neste discurso, Aquilino Ribeiro faz uma descrição minuciosa dos locais com a enumeração das plantas, árvores e os monumentos que se podem ver.

“A floresta silvestre é a própria da altitude, toio, coteço, carqueja, sargaço, giestas que alcançam talhe quasi arboreo e urgueiras com uma toca maior que a cabeça de dois doutores. Até a altitude de 800 metros a árvore por excelência era o castanheiro, ainda mais o carvalho, que deu o nome a lugares como Soutosa...”³⁴

Este autor é um inovador em matéria de turismo porque ele entra com uma nova noção : a do património imaterial, ele faz referência à gastronomia da região, o mel e o leite, aos costumes e usos, ao folclore que representa bem cada região.

“Nas encostas da serra as aldeias têm os seus colmeias, onde se produz um mel que deve ser daquele paladar que Anacreonte dava como exclusivo do Himeto e não tem rival na terra. Da mesma maneira em seus valeiros e abrigos, com o humus formado pelos detritos do mato galego, formam-se pastagens que, transvertidas para o amoujo das vacas ratinhas e não ratinhas, dão um rescendor ao leite que está para inventar a química licorista que lhe preleve.”³⁵

Esta noção de património imaterial só entra em vigor com Unesco em 1972³⁶.

Aquilino Ribeiro não critica directamente a ditadura, ele critica os turistas que vêm do estrangeiro por exemplo ele faz uma caricatura dos ingleses :

“ (...) por onde entre a caravana de ingleses, boné de quadradinhos, Kodak a tiracolo, grandes orelhas, e, sobretudo, porte-monnaies a rebentar com livras.”³⁷

Graças a este autor pode-se confrontar o que é dito pelos deputados sobre o turismo, constata-se que o discurso de cada um não é o mesmo, há um discurso de persuasão e um discurso mais intelectual feito pelo escritor. Conclui-se que a revista *Viagem* não é uma autêntica revista de turismo como se pode encontrar hoje em dia, porque agora quando se procura uma revista de turismo é para descobrir novos lugares e não como antes que era mais uma revista para intelectuais. Este aspecto constata-se bem quando se estuda o sumario da revista, há muitas poucas

³³

³⁴ *Revista Viagem*, Prevagando na Beira Alta, nº51, Janeiro 1945, p 1 -3 (Anexo nº2)

³⁵ *Revista Viagem*, Prevagando na Beira Alta, nº51, Janeiro 1945, p 1 -3 (Anexo nº2)

³⁶ A. M. Grammont, , *A Construção do Conceito de Património Histórico: Restauração e cartas Patrimoniais*, 2006

³⁷ *Revista Viagem*, Turismo em Portugal, nº53, Março 1945, p 1-4 (Anexo nº3)

referencias ao turismo, ela é mais baseada na cultura intelectual era o que procuravam os intelectuais para se distraírem e cultivarem.

Com esta visão das revistas durante a ditadura militar, agora pode-se explicar de que maneira o turismo se desenvolvia em Portugal.

1.2 Um turismo desequilibrado

O turismo neste período, é um turismo um pouco particular, como a Europa está em guerra e que Portugal é um dos raros países neutros, os turistas não são verdadeiros turistas, são refugiados que fogem dos horrores da guerra. É raro encontrar verdadeiras pessoas que viajam, porque não há dinheiro e o moral está ao mais baixo com a perda de muitas pessoas.³⁸

Nas entrevistas de Guilherme Cardim, ele faz referência aos milhares de refugiados:

“ A guerra trouxe-nos realmente muitos visitantes.(...) E assim, recebemos ali milhares de estrangeiros, prodigalizando-lhes alegria, tranquilidade e bem-estar”³⁹

No discurso não se encontra a origem destes refugiados, nem o meio social, mas pesquisando dá-se conta que estes refugiados não são os pobres, são sobre tudo famílias reais fugindo com suas riquezas. Ver-se-á numa próxima parte que há outros refugiados mas eles não estão protegidos por Salazar e instalam-se no interior do país. Estes refugiados ricos vão instalar-se nos hotéis do Estoril⁴⁰, onde podiam encontrar-se, divertir-se com os casinos ou a praia. Aqui também poder-se-ia encontrar a Alta Sociedade Portuguesa, porque nesta época era o luxo de passar as suas férias à praia.

Nesta época um dos grandes problemas vistos pelos políticos é a falta de “bons hotéis” em todo o país, só no Estoril segundo eles é que há bons hotéis. (Há uma vontade de fazer publicidade a este local porque Guilherme Cardim é um dos investidores, vê-se claramente que ele quer por-se em realce e mostrar que o que ele faz é maravilhoso e ótimo para Portugal e que todos deveriam fazer como ele.)

“haver bom turismo sem haver bons hotéis e não pode haver bons hotéis sem haver, para o efeito, uma perfeita, completa e indispensável organização.(...) Apenas os Estoris-paraiso português neste mundo em chamas, com a sua rede de hotéis e os seus

³⁸ A. Matias, *Economia do Turismo*, Instituto Piaget, Lisboa, 2007

³⁹ O Turismo e a Indústria Hoteleira, *Revista Viagem*, nº114, Abril 1950, p 11 (Anexo nº6)

⁴⁰ <http://www.palacioestorilhotel.com/POR/75anos.asp>

elementos de saúde e atracção, nos salvaram dum desastre (...) Temos necessidade de bons hotéis no resto do País. O exemplo dos Estoris, parece-me deve ser entusiasticamente seguido.”⁴¹

Estes hotéis são de uma boa qualidade mas caros, pode-se deduzir que o objectivo é de chamar turistas com posses económicas, não é para os Portugueses com pouco dinheiro (de todas as maneiras os Portugueses não conheciam os lazes nem os tempos livres). Existe o exemplo das Pousadas criadas a partir de 1941, pela iniciativa de António Ferro:

“as pousadas destinavam-se a alojar os visitantes e fornecer-lhes a alimentação no respeito do estilo de cada região”⁴²

Com as Revistas *Viagem*, *Turismo* e outras revistas da época pode-se constatar que estas revistas mostravam sobre tudo o que havia a visitar no Litoral, sobre tudo em Lisboa e seus arredores. É raro encontrar nestas revistas referencias as Beiras e quando isso acontece é a Serra da Estrela com o seu lado exótico por causa da neve, o que é raro em Portugal.

Só se encontra referencia as Beiras quando há textos de Aquilino Ribeiro, ele descreve esta região como única, rude e fechada ao mundo. Nesta região encontram-se vestígios únicos que nunca foram estudados e estão abandonados aos vândalos que vêm roubar os tesouros.

“ (...) ruínas cartejanas e sepulturas inscritas sôbre penedos como urnas sôbre uma eça. A primeira foi objecto da cupidez de vândalos imemoriais, pois que um dos esteios foi quebrado à bruta fôça, de modo a permitir a passagem para o interior, entulhado ou ignorado o seu acesso.”⁴³

(...) està coberta de orcas, de mamôas, de ruínas de cartejos e citânias inexploradas, de campos avertas na rocha e de cenetâfios cavados nos altos e inacessíveis penedos que o serrano chama pias (...) a copiosíssima herança tem sido objecto apenas de breves estudos, todos parcelares.”⁴⁴

Vê-se uma vontade da parte do escritor fazer descobrir a sua região onde o turismo ainda não é desenvolvido.

⁴¹ *Rista Viagem*, Ouvindo Guilherme Cardim, nº38, Dezembro 1943, p. 14-15 (Anexo nº1)

⁴² Wikipedia: http://evpt.wikipedia.org/wiki/Pousadas_de_Portugal

⁴³ *Revista Viagem*, Prevagando na Beira Alta, nº51, Janeiro 1945, p 1 -3 (anexo nº2)

⁴⁴ *Revista Viagem*, A Beira Alta e o Beirao, Aquilino Ribeiro, nº69, julho 1946, p.1 (anexo nº4)

Para haver um bom turismo, tem de haver meios de transportes e estradas. Neste período muitas estradas vão ser construídas com objectivos económicos, assim com estas estradas muitas cidades e vilas vão poder ter um acesso mais fácil.

“Um país de turismo é um país de boas estradas. É o também um país em grau adiantado de progresso. As estradas servem os povos em suas actividades, e servem-nos ainda em permitir que de modo fácil e agradável se lhes admirem as belezas. (...) Entre nos, infaustamente, está-se longe deste afinamento. Se não são os povos que sponte sua, recorrendo a meios de fortuna, se põem a abrir o caminho por onde chegue até eles a camionette, é o dedo ministerial ou sub-ministerial que hesita em pronunciar-se por umas zonas de preferência a outras, tal é ainda a escassez de vias idóneas de comunicação.”⁴⁵

Mas graças a crítica de Aquilino Ribeiro, pode-se constatar que o desenvolvimento das estradas é mais feito no eixo Lisboa/Porto, no interior do país as estradas são de má qualidade e muitas delas são caminhos feitos pelos habitantes para poderem passar com seus animais.

Em conclusão, o turismo na época Salazarista é para as pessoas ricas que vêm do estrangeiro e que o interior do país está abandonado a si próprio. Para ver esse desequilíbrio vai-se estudar com mais particularidade o jornal de Almeida.

1.3 Almeida e os refugiados

Almeida, turisticamente não era um local em voga, esta vila era mais um local rural e pobre, exatamente como descreve Aquilino Ribeiro a Beira e o Beirao. No artigo, *Os anos quarenta em Almeida*⁴⁶, redigido bem depois dos acontecimentos, o autor tentou relembrar a época graças ao que lhe foi contado pelos Almeidenses. Neste artigo descobre-se a vida dos Almeidenses, uma vida rude de muito trabalho nos campos.

“(...) lamuriavam a fome que as apertava; no Inverno, o frio penetrava pelas esburacadas e gastas roupas de muitos, cujos pés desprotegidos endureciam no constante calcorrear de uma irregular e áspera calçada, sendo a higiene corporal muito precária, bem como as condições habitacionais da maioria da população.”⁴⁷

As condições de vida eram dolorosas, não havia água canalizada, nem electricidade. A única coisa positiva era a paz e a tranquilidade desta terra que atraio refugiados

⁴⁵ *Revista Viagem*, Estradas de Portugal, Aquilino Ribeiro, nº121, Nove mbro 1950, p.1 (anexo nº7)

⁴⁶ *Jornal “Praça Alta”*, Os anos quarenta em Almeida, Fevereiro 1998 (Anexo nº28)

⁴⁷ **Id., Ibid.**

da guerra. Nesta vila houve um outro tipo de refugiados (Alemães e Franceses), os mais pobres se instavam em tendas, não tendo dinheiro para ir viver num hotel.

“Fora de portas, no Hotel Almeidense, pertença da D. Maria da Granja, instalou-se um grupo de alemães provenientes de Nuremberga, fugidos à hecatombe da guerra, em busca de tranquilidade e paz. Na mesma casa vivia também um enigmático polaco...) Em muito pior situação, chegaram a vila refugiados franceses, os quais acamparam nos terrenos onde hoje se ergue o velho celeiro, sobrevivendo com muita dificuldades, pelas ruas e comércios escutava-se o som triste de um violino...”⁴⁸

Neste artigo, não se fala nem de turismo, nem de património, a única coisa que poderia fazer pensar a existência de turismo, é o *Hotel Almeidense* situando-se no exterior das muralhas e duas pensões o *Míscaro* e a *Berenda*⁴⁹.

Constata-se com um dos estudos sobre Almeida realizado por quatro docentes⁵⁰, Anabela Matias, Dulce Loureno, Maria de Deus Rebelo e Maria Teresa Correia, faz perguntar se nos anos 40 já havia uma vontade da parte da câmara de Almeida ou do Estado para restaurar o castelo e as muralhas(numa eventual busca a turistas) . Neste estudo, há uma enumeração do património de Almeida com todas as datas de construção e de restauro de cada monumento.

“Hoje as Muralhas da Praça de Almeida apresentam um aspecto cuidado e agradável para os visitantes, tendo sido objecto de várias intervenções de manutenção e recuperação ao longo dos anos, com as mais significativas a terem início em 1941. Enumeramos a seguir as obras que de maior vulto realizadas no perímetro muralhado de Almeida:

1941- Demolição de paredes de alvenaria argamassada, escavações para sondagens, regularização de terrenos e desentapamentos na esplanada de Santo António, [...] construção em alvenaria de perpeneio, com aproveitamento da pedra existente nas esplanadas de Santo António e de São Francisco, [...] construção em cantaria a pique grosso no exterior da Porta de São Francisco, [...] levantamento e assentamento de lajedo de cantaria apicotada nas Portas de Santo António e de São Francisco, Casamatas; apeamento e reposição de cantarias das paredes do cunhal interior do Baluarte de São João de Deus, [...] limpeza geral de cantarias na primeira linha de infantaria, fosso, baluartes, muralha principal, praça alta e casamatas; **1942-** Reconstrução parcial do remate da porta de Santo António e da guarita central, com execução de parapeitos e limpeza geral da cantaria; **1943/1944/1946/1946/1947-** Reconstrução completa da muralha do castelo medieval; escavação desta zona.”⁵¹

⁴⁸ **Id., Ibid.**

⁴⁹ Este hotel e as pensões não existem mais em Almeida, mas não consegui saber em que ano foram encerradas

⁵⁰ A. Matias, D. Loureno, M. Rebelo, M. T. Correia, *Conhecimento do Mundo: Património Natural e Construído nas freguesias de Almeida e Aldeia del Bispo de*, 2005

⁵¹ A. Matias, D. Loureno, M. Rebelo, M. T. Correia, *Id., Ibid.*

Assim constata-se que a partir de 1941, houve um primeiro restauro da praça, não se pode afirmar que este restauro tenha como objectivo atrair turistas. Neste período, poderia haver uma consciência que a praça tinha um significado importante na História Portuguesa e os almeidenses deveriam conservar este local para transmitir uma memória. Confirma-se esta ideia nas revistas turísticas da época consultadas porque não se encontra muitas referências a uma Almeida turística,



Ilustração 10: Vista aérea de Almeida publicada na Revista Turismo

nem sobre sua história, nem sobre os monumentos. Só duas referências a Almeida são feitas, uma carta das Beiras⁵², onde situam a praça e uma fotografia em preto e branco desta com o nome. Isto é tão mínimo que só uma pessoa que procura informações sobre Almeida teria dado conta.

Em conclusão, Almeida durante a ditadura serviu como refugio a guerra mundial, ainda não tinha visões turísticas e lutava contra a fome e a pobreza da sua população. Sua divulgação nas revistas era muito pouca, quase imprescindível, é um lugar esquecido e sem um desenvolvimento turístico.

2. Um novo turismo

2.1 Almeida entra num turismo mais cultural

O conceito de património cultural aparece nos anos 80 e concretiza-se pela publicação da lei 13/85 em 1985 pela Assembleia nacional “O património cultural português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo.”⁵³

⁵² Revista Turismo, Dezembro 1963, p 52-60 (anexo nº9)

⁵³ Diário da Republica, serie III, nº153

O turismo cultural começa na Europa na segunda metade do século XX, na Áustria e Inglaterra em 1975⁵⁴. Em Portugal, há pouco tempo é que descobriu este turismo, Almeida faz parte desses locais onde a única solução para se desenvolver é optar pelo um novo turismo, um turismo cultural. Seguindo Rachid Amirou, « le tourisme culturel consacre ce qui nous est lointain dans le temps, dans l'espace (exotisme) et loin de notre entendement »⁵⁵, esta definição do turismo pode-se aplicar a Almeida, este sítio é exótico de uma certa maneira, porque é uma destinação diferente do habitual em Portugal.

No jornal de Almeida o conceito faz-se bem sentir, os autores dos artigos relatam todos os eventos ocorridos sempre do ponto de vista dos Almeidenses, pondo os artigos todos juntos vê-se que nesta praça muitas actividades culturais são organizadas para atrair um grande número de turistas. Estas actividades são sempre ligadas a história de Almeida ou as suas tradições.

2.2 Quais são os turistas?

Estes novos turistas, não procuram descanso mas descobrir locais “exóticos”, fazendo lhes reviver a história e assim absorvem uma memória que Almeida tenta transmitir através do património que tem.

A nacionalidade dos turistas que visitam Almeida é em maioria portuguesa (em 2005 houve 45 790 , em 2006 houve 50 122⁵⁶) e espanhola(em 2005 houve 16 720 e em 2006 houve 22 910), com uma constatação de um forte aumento a partir de 2005 até 2007.

Mas há uma curiosidade, em terceiro lugar vêm os Ingleses (1495 turistas em 2005 e 1601 em 2006). Pode-se pensar que os ingleses procuram também outra forma de turismo porque em Portugal encontra-se a maior parte no Algarve.

Graças a todos os esforços feitos pela autarquia e pelas associações de Almeida há um aumento de turistas todos os anos. Pode-se confirmar com os artigos do jornal *A Praça Alta*, tem-se sempre uma ideia se houve ou não muitos visitantes. Há um

⁵⁴ M. J.Pire, *op., cit.*

⁵⁵ R. Amirou, *op., cit.*, p.155

⁵⁶ Estes resultados são feitos pelo posto de turismo de Almeida, só toman encontram as pessoas que passam por este local. Pode-se pensar que haverá mas turistas não tomados em conta.

grande número de visitantes quando se trata das feiras, das comemorações das invasões francesas ou nas festas de Almeida no mês de Agosto quando há os emigrantes.

A questão a se perguntar, por quanto tempo ficam os turistas em Almeida? Pode-se dizer que não é para um tempo longo, muitos turistas ficam aqui para passar um fim-de-semana ou menos. Graças a publicação num blogue que fiz, pode constatar que os Almeidenses não têm a impressão que os turistas fiquem muito tempo na vila deles, parece-lhes mais uma passagem de algumas horas. Num estudo mais aprofundado nesta questão dar-se-ia uma resposta mais real.

Quais serão os problemas que farão com que o turista não fique mais tempo nesta zona?

3. Almeida tenta sair do passado

3.1 As políticas podem ajudar

A nível nacional alguns programas foram postos em prática para tentar ajudar as regiões do Interior, que se encontravam com um grave problema de desertificação dos habitantes e não havia um desenvolvimento económico. Um deles é relatado num dos artigos do jornal *Praça de Alta*⁵⁷ é o Programa de Recuperação Patrimonial das Aldeias Históricas. Este programa foi formulado pelo governo em 1991, posto em prática em 1994 até 1999. Ele consiste em ajudar as Aldeias históricas da Beira Alta, como Almeida.

“A finalidade deste programa é valorizar no seu todo algumas terras, que se encontram um tanto esquecidas e desertificadas, de modo a torna-las atraentes aos olhos dos visitantes.”⁵⁸

A taxa média de execução do programa, ultrapassa os 75 por cento, tendo sido apoiados 228 projectos, envolvendo uma verba de cerca de 4,3 milhões de contos. Em Almeida, constata-se o melhoramento das fachadas das casas no interior nas muralhas, a reconstrução do Picadeiro, trazendo um grande dinamismo com a escola equestre.

⁵⁷ *Jornal a Praça Alta*, Programa de Recuperação patrimonial, Março 1997(Anexo nº19)

⁵⁸ *Jornal a Praça Alta*, Programa de Recuperação patrimonial, Março 1997(Anexo nº19)

Um livro foi editado sobre cada Aldeia histórica⁵⁹, assim um público português teve acesso a este livro porque foi publicado com o Jornal *Diário de Notícias* em todo o Portugal, é uma boa publicidade para este local.

O programa conseguiu relançar esta região, trouxe-lhe um outro dinamismo, em ajudando a criação de animações que trazem muitos turistas.

Também os autarcas e as associações em Almeida tentam ajudar o desenvolvimento, a restauração e preservação é uma das vertentes mais escolhidas por todos.

Um Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida foi criado para atrair os estudiosos e visitantes, criando actividades em torno da interpretação, salvaguarda e monitorização do monumento. Este centro vai ter uma vertente mais didáctica e cultural, com uma perspectiva de valorização histórica e de apoio a pesquisa. Através de painéis explicativos e ilustrados, do visionamento de um pequeno filme e de outras matérias didácticas, o visitante é convidado a despertar os sentidos, e a fazer uma visita diferente pela “paisagem cultural” que envolve toda a arquitectura militar.

Desde sua criação em 2006, já houve três colóquios realizados contribuem a ajuntamento de pesquisadores sobre Almeida e mostrar a importância deste local. Mas nestes colóquios só aparecem pessoas que têm suas origens em Almeida, e não os habitantes, pode-se concluir que este centro não atinge os Almeidenses mas só aqueles que têm a nostalgia deste local (vivendo lá fora) ou os turistas.

Este centro é bom para atrair novos pesquisadores em Almeida, porque aqueles que trabalham sobre ela já têm uma certa idade e não há jovens que continuem a desenvolver sobre temas sobre Almeida.

3.2 Quem disse um dia que Portugal e Espanha não se entendiam?

Já está longe o tempo em que Almeida lutou contra a Espanha, agora é uma luta juntas que adoptaram. Desde 2005, Almeida tentou ligar-se com Cidade Rodrigo para ajudarem-se mutuamente no desenvolvimento turístico.

No princípio, esta colaboração teve como objectivo ajudar-se por causa dos incêndios que destoem esta região da raia. Agora as duas vilas juntaram-se com o

⁵⁹ *Almeida e Castelo Mendo*, Aldeias Históricas de Portugal, Lisboa, 1999, 281p.

nome de Cidades Amuralhadas para “promover as relações comerciais, institucionais e culturais.”⁶⁰

Para promover ainda mais esta colaboração, um *site*⁶¹ foi criado onde apresentam as duas cidades.

Nos artigos do jornal de Almeida que tratam desta colaboração, pode-se constatar que os autores estão contentes desta iniciativa, mas não há realmente o que eles pensam, só têm resumos do que foi dito ou feito. Não há uma verdadeira crítica.⁶²



Ilustração 11: Vista aérea de Ciudad Rodrigo

Esta associação permite uma maior divulgação a nível internacional, porque os turistas que visitaram Ciudad Rodrigo vão forçosamente ouvir algo sobre Almeida. É bom que haja mais colaborações desta maneira em ajudando-se mutuamente é que se consegue sair de um certo esquecimento.

Nesta segunda parte, pode-se ver como eram as revistas turísticas da época Salazarista, pouco turísticas na realidade. Mostrou-se que em Portugal nasceu um novo turismo, o turismo cultural que atrai um outro tipo de turistas e está a ter sua importância para desenvolver as regiões com dificuldades económicas.

III. Almeida sempre a inovar

1. Uma nova imagem

1.1 A pousada e os outros hotéis

As pousadas através o país têm uma imagem diferente que qualquer hotel ou pensão, elas trazem a um local outra visão do turismo. A pousada de Almeida traz uma certa qualidade a nível do conforto e das actividades propostas. A gastronomia

⁶⁰ *Jornal Da Praça Alta*, Almeida mais perto da Ciudad Rodrigo, , Março 2006 (Anexo nº44)

⁶¹ <http://www.ciudadesamuralhadas.com>

⁶² Abertura do site das cidades Amuralhadas, *Jornal a Praça Alta*, Março 2007(anexo 46)

tem também a sua qualidade, sendo a comida tradicional de Almeida que pode-se comer no seu restaurante. Mas este local não é bem para todos os turistas, os preços são muito mais alto que a media.

Os autores da *Praça Alta* não dão uma visão crítica deste local, só põe em realce as boas coisas, sobre tudo a comida, isto é bom para a pousada podendo ver sua clientela aumentar.

“Aqui, sem dúvida, somos calorosamente recebidos pela simpatia de quem serve, pela variedade gastronómica regional e pela refeição que decorre numa sala impar na região.”⁶³

O problema major é que os outros hotéis ou pensões nunca se faz referência nesses artigos, parecem não existir em Almeida, é verdade que a maior parte situam-se no exterior de Almeida, claro que a qualidade não se pode confrontar com a da pousada, mas estes estabelecimentos têm as suas qualidades e muitos turistas não os conhecem falta de publicidade. Então os turistas não ficam em Almeida pensando que só podem dormir na pousada. Mesmo a autarquia dá mais vantagem a pousada porque cada vez que há um evento, é neste local que vão comer os representantes e convidados. Isto tende a por de lado o resto das estadias e tira a vontade de investimentos.

A pousada tem o seu *site*⁶⁴, onde faz a sua própria publicidade e dá visibilidade a praça propondo actividades a volta desta para descobrir o património e a natureza. (pesca, passeios de burro...)

Segundo Pires, as infra-estruturas⁶⁵ são importantes para haver um bom turismo, porque se as infra-estruturas são construídas sem haver um estudo anteriormente do que o turista procura, haverá um “fracasso”⁶⁶. Em Almeida é verdade, os turistas encontram vários locais para sua estadia com vários preços, mas nesta região falta um parque de campismo, trazendo uma outra maneira de fazer turismo.

Em 2006, outros estabelecimentos foram criados, para fazer viver Almeida, muitas casas dentro das muralhas estão abandonadas, as mais importantes com uma certa historia, foram recuperadas e transformadas em casas para alugar aos turistas, é

⁶³ Espaço Hoteleiro Pousada Senhora das Neves, Jornal a Praça Alta, Janeiro 1995 (anexo 12)

⁶⁴http://www.pousadas.pt/historicalhotels/EN/pousadas/Portugal/Beiras/NossaSenhoradasNeves/home/PousadaSenhoradasNeves_Home.htm

⁶⁵ M.J. Pires, *op.*, *cit.*, p.17

⁶⁶ M. J. Pires, *id.*, *ibid.*

sobre tudo para turistas que queriam ficar vários dias. É dirigido por uma organização criada para estes estabelecimentos, chama-se Turisalmeida.

1.2 A Publicidade

Para que haja turismo numa cidade, vila ou aldeia é necessário uma divulgação a nível regional, nacional e por vezes internacional.

Não se pode dizer que o jornal a *Praça Alta* seja um jornal de publicidade porque só é distribuído em Almeida. No início da transformação de Almeida para um local turístico, não havia uma forte divulgação de Almeida mesmo a nível regional. Com o tempo, este aspecto foi mudando, para começar houve uma maior divulgação a nível regional, com os cartazes, nos jornais e na radio regional (radio Elmo por exemplo).

O estado num objectivo de desenvolvimento desta região, faz a publicidade as vilas e aldeias, propondo pequenos livros com a história de Almeida e onde dormir, aqui reencontra-se o que se viu mais acima só a pousada está em realce.

Um dos grandes trunfos da câmara de Almeida para atingir ainda mais longe os turistas, criou o site de Almeida, onde encontra-se toda a informação necessária para conhecer a região e a praça, todas as actualidades e actividades são detalhadas neste site internet. Nos dias de hoje, é muito importante fazer a sua publicidade na internet, há uma maior acessibilidade as informações e uma divulgação através o mundo inteiro.

Almeida estando ao lado da fronteira, quer também mostrar-se em Espanha, com esse objectivo criou também um site ligado a Ciudad Rodrigo, assim os turistas que estarão interessados em Ciudad Rodrigo, visitando o site terão vontade de conhecer Almeida.

2. Patrimonialização das festas e feiras

2.1 As feiras fazem reviver o passado idealizado

Muitas festas e feiras foram esquecendo-se com a comercialização dos produtos, elas caíram no esquecimento e tornaram-se arcaicas.



Ilustração 13: Fotografia da Feira do fumeiro em Almeida em 2001

Com o estudo de Nathalie Bétry pode-se compreender o fenómeno que esta a ocorrer em Portugal e em Almeida, o renascimento de feiras, festas e romarias. Esta tendência tem como interesse o contacto entre produtores/consumidores

e o desenvolvimento de um turismo gastronómico. O contacto entre os consumidores e produtores têm uma grande importância por causa da perda da qualidade dos produtos e dos seus gostos. O turismo gastronómico torna a lembrar os sabores do passado. Este aspecto, foi muito desenvolvido em Almeida, depois 1997⁶⁷ foi criada Festa do fumeiro, a data do acontecimento é em função da época quando os fumeiros são acabados de fazer. Esta feira tem e teve sempre como objectivo divulgar os produtos de qualidade de Almeida e da região. Ela continua a existir com uma maior participação dos produtores que já não são só da região mas de todo o Portugal e também de Espanha (região de Ciudad Rodrigo). Uma das actividades durante que se pode encontrar é a matança do porco, ela transmite uma memória dos usos locais, que no passado representava a reunião dos amigos e família para matar o porco. Era um momento de alegria e de partilha. Outras feiras foram se criando com o mesmo objectivo que a primeira, assim criando outras datas, há sempre movimento e turistas na vila.



Ilustração 12: Fotografia da Feira do fumeiro em Almeida em 2001

Nathalie Bétry diz que estas feiras trazem um desenvolvimento ao nível turístico, graças aos produtos que são autênticos e com uma qualidade que muitas pessoas hoje procuram porque não conseguem encontrar este tipo de produto nos grandes hipermercados.

É assim que as feiras e festas estão a ter uma patrimonialização o que quer dizer que elas estão a tomar um sentido, um valor que não tinham no passado. Antes as feiras só tinham como objectivo vender os produtos que as pessoas necessitavam porque não havia comércio e era a única forma de ter estes intercâmbios.

⁶⁷ *Jornal a Parça Alta*, 1ª Feira do fumeiro, Abril 1997 (anexo 33)

Estes eventos permitem de por em cena uma identidade e um património local, a exposição de uma identidade exprime-se pela redefinição de uma memória colectiva do local que é elaborada a partir de uma interpretação de um passado vivido ou imaginário. O que se encontram nestas feiras é um passado rural que as pessoas tentam reencontrar, reviver ou se imaginar como era. Esta visão vai ser falsa para muitos porque é uma imagem idealizada do passado que não tem nada a ver com a verdadeira realidade rural. A memória colectiva só guarda os elementos mais valorizantes.

Depois, nestas feiras e festas de Almeida, há três tipos de visitantes, os habitantes, as pessoas dos arredores e os turistas. Cada um deles vai ver da sua maneira estas feiras. Os almeidenses e os habitantes dos arredores vêm para reviver um pouco o passado e redefinir a identidade, reencontrar gostos dos outros tempos, reviver actividades que eles próprios por vezes já fizeram mas há muito tempo. Os turistas vêm descobrir uma identidade já idealizada, para eles é um museu interactivo, onde tentar imaginar o passado do local e eles observam a identidades da população, há também uma vontade de provar novos sabores.

Vê-se bem que aqui as feiras já não têm realmente o mesmo objectivo que antes, mas elas dão uma valorização as produtos vendidos.

2.2 A autenticidade dos produtos

Nas feiras, os produtos têm uma imagem mais forte e com muita mais qualidade, os agricultores vão poder expor o produto e directamente o vender o consumidor. Eles vão poder intercambiar-se as informações sobre o produto, como foi fabricado, de onde vem, dicas culinárias etc. com estas perguntas o consumidor assegura-se da qualidade do produto. As feiras tornam-se um local de produtos autênticos sem réplicas, os produtores mostram sua maneira de trabalhar, sua vontade de produzir um produto bem melhor que os outros e neste ponto ele vai ganhar contra os produtos industriais.

Em muitos países como em França, os produtos de qualidade vão ser qualificados com um label, este da ainda maior importancia ao produto porque da lhe uma publicidade nacional e até internacional. R. Amirou defende bem este ponto:

“On “met en patrimoine” beaucoup de phénomènes, notamment des savoir-faire (tels la fabrication d’un fromage ou la culture d’un légume) dits traditionnels ou de terroir-expressions qui drainent un imaginaire de l’authenticité” fort prisé et instrumenté par les professionnels du tourisme. L’idée de patrimoine dans ces cas évoque plus la notion de label, au sens commercial de marque collective déposée, que la protection stricto sensu des objets témoins d’une histoire collective.”⁶⁸

Em Portugal, este sistema ainda não este bem instalado, é raro haver um tal label nos produtos portugueses. Esta situação trava a divulgação da autenticidade dos produtos de Almeida. Da parte da autarquia houve uma vontade de dar uma imagem aos produtos de Almeida, ele põe em todos os produtos deste local uma estrela que representa as muralhas de Almeida e o nome de Estrela do Interior.⁶⁹ Assim quando o turista vê o produto, sabe e tem a certeza donde vem e quem o fabricou. É uma imagem fote para os produtos de qualidade.

2.3 As comemorações e reconstruções históricas



Nos últimos anos, muitas vilas e cidades desenvolveram as reconstituições históricas para comemorar actos históricos. Como diz Pierre Nora as comemorações já não são verdadeiramente comemorações como no passado:

“C’est la dynamique même de la commémoration qui s’est inversée, le modèle mémorial qui l’a emporté sur le modèle historique, et avec lui, un tout autre usage du passé, imprévisible et capricieux. Un passé qui a perdu son caractère organique, péremptoire et contraignant. (...) C’est le présent qui crée ses instruments de commémoration, qui court après les dates et les figures à commémorer, qui les ignore ou qui les multiplie, qui s’en donne d’arbitraires à l’intérieur du programme imposé.”⁷⁰

Em Portugal, começa-se a ver estes eventos para atrair um grande número de turistas. Em Almeida, há uma comemoração que se porta sobre as Invasões Francesas. Graças ao trabalho de Tereza De Almeida Caillaux⁷¹, observa-se que neste local as comemorações começaram em 1978, mas eram festejadas de uma forma particular, era no dia da batalha ganhada pelos portugueses no Buçaco que

⁶⁸ R. Amirou, *op., cit.*, p. 25

⁶⁹ *Jornal A Praça Alta*, A estrela do Interior é uma nova marca de Almeida, fevereiro 2007 (anexo 49)

⁷⁰ P. Nora, *op., cit.*, p. 988

⁷¹ T. De Almeida Caillaux, *La mémoire des « Invasions françaises » au Portugal (1807 – 1811) au croisement des sources orales, écrites et iconographiques*, Aix-en-Provence, 2008, p.344 à 345

se comemoravam as invasões e não no dia em que Almeida combateu contra os franceses.

Com a evolução das mentalidades e a vontade de mostrar Almeida no seu verdadeiro “rôle” durante estas invasões, em 2004, as comemorações fazem-se no dia em que houve as batalhas em Almeida, há uma reconstituição histórica dos acontecimentos durante três dias e no fim pode-se assistir a explosão do castelo que levou a capitulação de Almeida.



Vê-se aqui uma vontade de assumir a realidade e de mostrar aos turistas um espectáculo fabuloso, que põe as pessoas no passado e podem absorver a identidade do local.

3. As dificuldades do desenvolvimento

Todo local turístico é sempre confrontado a dificuldades, mas estas podem ser de diferente nível, podem ser a nível local, regional ou nacional.

Almeida encontrar dificuldades bem diferentes e a níveis diferentes. Para começar, quando se visita a praça pode-se encontrar edifícios degradados sem manutenção ou as muralhas não estão bem limpas. Este problema não está directamente ligado a autarquia mas a detenção dos monumentos por um instituto nacional que não se ocupa minimamente da manutenção dos edifícios. As autarquias já tentaram comprar os monumentos mais não foi possível por causa do preço elevado destes. Esta situação é complicada porque os turistas vêm para visitar os monumentos e confrontação a monumentos fechados e degradados. Esta imagem não dá vontade a turista de voltar ou simplesmente de indicar a um amigo para visitar Almeida.

Para a resolução deste problema seria necessário que os monumentos e as muralhas fossem dadas as autarquias de Almeida para que elas próprias se ocupem do restauro e manutenção. Porque como é uma entidade está sempre no terreno, ela tem o poder de gerir como deve ser.

A segunda dificuldade que Almeida encontrar é uma falta de investimentos privados. Os almeidenses não fazem confiança no mercado económico, eles não fazem investimentos e Almeida necessita este ponto para poder responder a demanda do

turismo. Em Almeida há uma falta de lojas com os produtos de Almeida por exemplo. Este problema vem da falta de ajuda do estado, a região do interior está abandonada a si mesma.

Estas dificuldades podem travar o turismo nesta praça, eles vão ter de ser resolvidos para um melhoramento do turismo.

Conclusão:

Bibliografia :

Obras Teóricas :

Amirou (R.), *Imaginaire du tourisme culturel*. Paris, Presses Universitaires de France, 2000, p.155

Choay (F.), *L'allégorie du patrimoine*. Paris, Editions du Seuil, 1992, p.9-23

Copans (J.), *Introduction à l'ethnologie et à l'anthropologie*. Paris, A. Colin, 2005, p.127

Copans (J.), *L'enquête ethnologique de terrain*. Paris, A. Colin, 2005, p. 127

Correia (A. A.), *Antropologia da Beira Alta*. Coimbra,1917, p.299-307

Gravari-Barbas (M.), *Habiter le patrimoine : enjeux- approches – vécu*. Rennes, Presse universitaire de Rennes, 2005, p.618

Nora (P.), *Les lieux de mémoire*. Vol I, Paris, Gallimard, 1997, p.23-43; 586-607;737;903-1032;1190-1642

Nora (P.), *Les lieux de mémoire*. Vol II, Paris, Gallimard, 1997, p. 236-315;406-449;977-1012

Nora (P.), *Les lieux de mémoire*. Vol III, Paris, Gallimard, 1997, p.822-853

Pires (M. J.), *Lazer e turismo cultural*. 2ª edição, 2005, p.140

Poulot (D.), *Patrimoine et modernité*. Paris, L'Harmattan, 1998, p.7-67;159-170;205-207; 279-289

Obras Tematicas :

- O turismo

Bessière (J.), *Valorisation du patrimoine gastronomique et dynamique de développement territorial*. Paris, L'Harmattan, 2001, 364 p.

Direcção-geral do Turismo, *O turismo em 1978*. Lisboa, Secretaria de Estado do Turismo, Direcção-geral do Turismo, 19.., 133 p.

Direcção-geral do Turismo, *O turismo em 1980*. Lisboa, Secretaria de Estado do Turismo, Direcção-geral do Turismo, 19.., 264 p.

Gomes (A.L), *Viver em beleza na terra e no céu*. Lisboa, Livraria Portugalia, 1954, p.13-34

- A vila de Almeida

Caillaux De Almeida (T.), *La mémoire des « Invasion françaises » au Portugal (1807 – 1811) au croisement des sources orales, écrites et iconographiques*, Aix-en-Provence, 2008

Vilhela de Carvalho (J), *Almeida, subsídios para a sua história*. Vol I, Viseu, Tipografia de guerra, 2º edição, 1988, 509 p.

Vilhela de Carvalho (J), *Almeida, subsídios para a sua história*. Vol II, Viseu, Tipografia de guerra, 2º edição, 1988, 477 p.

Tavares da Conceição (M.), *Da Praça Cercada à Praça de Guerra*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, 315p.

Artigos scntificos:

Amaral Franco (J.), « Embelezamento das estradas da Beira Baixa », *Viagem* (81), Julho 1947, p.5-6

Ascanio (A), *Turismo: la reestructuración cultural*, Revista Pasos (1), 2003, p. 33-37

Bastos (S.), *Nosso Patrimônio Cultural: uma metodologia de pesquisa*. Revista Pasos (2), 2004, p. 257-265

Centro de turismo de Portugal em França, *Tourisme et economie*, 19.., p.3

Expeitx (E.), *Patrimonio alimentario y turismo: una relación singular*, Revista Pasos (2), 2004, p. 193-213

Grammont (A.M.), *A construção do conceito de patrimônio histórico: Restauração e Cartas Patrimoniais*. Revista Pasos (3), 2006, p.437-442

Martín de la Rosa (B.), *Nuevos turistas en busca de un nuevo producto: El patrimonio cultural*. Revista Pasos (2), 2003, p. 155-160

Nogueira (S.), *A cultura material no processo educativo: museus, objetos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e vocação de memórias*. Revista Pasos (1), 2003, p. 97-103

Artigos de imprensa:

Almeida : Buletim Municipal n°8, Janeiro 2007, 28 p.

Almeida : Buletim Municipal n°9, Verão 2007, 24p.

Almeida : Buletim Municipal n°10, Janeiro 2008, 40 p.

Guia Expresso do Turismo de Habitação: Beira Interior (8), *Road-Book, Pinhel-Figueira de Castelo Rodrigo-Almeida*. 19.. , p.40-47

« Entrevista Oportuna : Ouvindo Guilherme Cardim », *Viagem* (38), dez. 1943, p.14-15

« Arquitetura popular das Beiras », *Revista Turismo, Dez. 1963, p.53-60*

« O Turismo e a Indústria Hoteleira », *Revista Viagem* (114), Abril 1950, p.11

« Beira : Monumentos e Locais », *Revista Turismo* (4), Dez. 1956, p.76-78

Mura Guerreiro (J.), « Portugal, país de Turismo », *Revista Turismo* (8), Dez, 1957, p.12-14

Ribeiro (A.), « Pervagando na Beira Alta », *Revista Viagem* (51), Jan. 1945, p.1-3

Ribeiro (A.), « Turismo em Portugal », *Revista Viagem* (53), Março. 1945, p.1-4

Ribeiro (A.), « A Beira Alta e o Beirão », *Revista Viagem* (69), Julho 1946, p.1-2

Ribeiro (A.), « Turismo e Casas do povo », *Revista Viagem* (119), Setembro 1950, p.14

Ribeiro (A.), « Estradas de Portugal », *Revista Viagem* (121), Nov. 1950, p.1-2

Sites :

<http://www.patrimonio-turismo.com>

<http://fotos.sapo.pt/armindao/playview/8>

<http://pracaalta.blogs.sapo.pt/2007/01/>

<http://portugal.veraki.pt/regioes/regioes.php>

<http://www.cm-almeida.pt/index.html>

<http://www.jf-almeida.pt/index.php/Historia.html>